

## CONTINGÊNCIA E LIBERDADE DOS GREGOS A LÓGICA HEGELIANA

Wellington Lima Amorim<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo pretende-se demonstrar os conceitos de Contingência e Liberdade desde os gregos, através do pensamento dos Filósofos da Natureza, Parmênides de Eléia e Heráclito de Éfeso, na estrutura do método dialético da lógica hegeliana, a partir da análise dos seus pressupostos ontológicos.

**Palavras-chave:** Parmênides; Heráclito; Hegel; Ser; Nada.

## CONTINGENCY AND FREEDOM OF THE GREEKS TO THE HEGELIAN LOGIC

**Abstract:** In this article we attempt to demonstrate the concepts of contingency and freedom since the Greeks, through the thought of philosophers of Nature: Parmenides of Elea and Heraclitus of Ephesus, in the structure of the dialectic method of the Hegelian logic, based on the analysis of its ontological assumptions.

**Keywords:** Parmênides; Heráclito; Hegel; Being, Nothing.

### Introdução

Considerado o último grande pensador sistêmico na História da Filosofia Moderna, Hegel é, sem dúvida, o filósofo mais radical do pensamento alemão cujas teses filosóficas apresenta extrema complexidade. Apesar disso, sua Filosofia teve uma significativa influência nas principais correntes filosóficas de nossa época, como, por exemplo, a Fenomenologia e o Existencialismo. Tentar compreender e analisar os conceitos de Contingência e Liberdade desde os gregos, através do pensamento dos Filósofos da Natureza, Parmênides de Eléia e Heráclito de Éfeso, na lógica hegeliana, é uma tarefa que causa grande interesse. Para isto, primeiramente teremos que entender o pensamento destes dois filósofos, os quais Hegel afirma que deram os primeiros grandes passos na Filosofia Grega.

Para termos sucesso em nossa análise, será necessário, em um primeiro momento, empreenderemos a reflexão de alguns dos fragmentos do pensamento de Heráclito e a sua concepção de Devir. É importante ressaltar, que a importância do pensamento de Heráclito, bem como de outros Filósofos da Natureza é a presença de um componente lógico que sempre estará em oposição ao pensamento de vários outros pensadores no decorrer da História da Filosofia, que consiste na interpretação de uma realidade que está em constante mutação, em permanente e necessária transformação, ou seja, se existe algo de necessário no real, é a contingência da realidade.

---

<sup>1</sup> Dr. em Ciências Humanas – Universidade Federal do Maranhão – E-mail: wellington.amorim@gmail.com.

Por outro lado, em um segundo momento esta pesquisa irá em direção ao pensamento de Parmênides e a sua concepção de Ser e não ser. Ao contrário do pensamento de Heráclito, Parmênides empreende um esforço contínuo para demonstrar que a realidade é estática, que não há nada de dinâmico no real ou na *Physis*. A Filosofia parmênídica se torna na principal corrente filosófica, entre os filósofos da natureza, a se colocar em oposição a qualquer outra doutrina que procure demonstrar o caráter de mutação e transformação da realidade. Encontraremos posteriormente, de maneira mais evidente, a oposição entre Necessidade e Contingência, quando analisamos o pensamento de Demócrito e Epicuro. Esta análise já foi feita por Karl Marx, e que influenciou o materialismo dialético. E por fim, uma análise da lógica hegeliana e seu desenvolvimento, bem como os seus desdobramentos e as influências exercidas pelo pensamento platônico e pela lógica aristotélica.

### 1. Heráclito e a concepção da Devir.

Heráclito é um pensador que viveu há cerca de dois mil e quinhentos anos, interpretou a realidade de forma única, se apropriando de certos problemas da realidade, e formulou-os segundo vias que foram abertas por ele. Heráclito interpretou a realidade tendo como princípio o Devir. Esta via de acesso é observada através dos fragmentos de Heráclito que dizem: *“Para os que entram nos mesmos rios, correm outras e novas águas”*<sup>2</sup> ou *“ Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”*<sup>3</sup>.

O que Heráclito quer dizer é que precisamos ver como a realidade se altera constantemente, como a água de um rio que se altera, como um vegetal qualquer que cresce e se desenvolve, e até o próprio homem, que cresce e se desenvolve, se transforma, ou seja, sofre alterações a cada instante. Contudo, à medida que nos tornamos diferentes, mantemos a nossa identidade; embora sejamos diferentes, continuamos sempre sendo iguais. A cada instante um ente se altera, mais permanece o mesmo, porém esta alteração não é uma alteração onde surge um ente inteiramente novo, é o ente anterior modificado, é um novo ente, que possui como essência o ente anterior; exemplificando, um ser humano ao nascer não se tornará diferente quando envelhecer será o mesmo ser humano, mas modificado, ou seja, velho.

O que estamos tentando dizer é que toda identidade possui diferenças, por exemplo: jovem e velho, pequeno e grande, verde e maduro; são opostos que se completa em uma unidade, no uno, na identidade. Afirma-se então que cada diferença encontra a sua identidade de duas maneiras: 1<sup>a</sup> – Em sua posição e afirmação do que ele é. 2<sup>a</sup> – Pela diferença, pelo o que ele não é, ou seja, o seu oposto;

<sup>2</sup> Bornheim, Gerd A. *Os pensadores Originários*. (fragmento 12). Editora Cultrix. São Paulo, p. 36

<sup>3</sup> Idem, ib. fragmento 91, p. 41.

Fica-se entendido que esta alteridade que ocorre não rompe com a identidade; podemos dizer que é outro que permanece o mesmo, ou seja, é a mesma coisa que permanece diferenciadamente. Heráclito afirma: “*Descemos e não descemos nos mesmos rios; somos e não somos*”<sup>4</sup>, isso nos leva à reflexão de que a identidade, em sua essência, existe um convívio dos opostos, do mesmo e do não mesmo, do Ser e do não Ser, em completa simultaneidade.

Pois bem, se tudo está em completo fluxo, isto é, num constante vir-a-ser, em constante movimento. Isso nos leva a reflexão, que nos faz perguntar: Até que ponto a identidade permanece? Heráclito nos diz: “*Em nós, manifesta-se sempre uma e a mesma coisa: vida e morte, vigília e sono, juventude e velhice. Pois a mudança de um dá o outro e reciprocamente*”<sup>5</sup>. O Devir é que faz com que os opostos sejam subsumidos, numa mesma unidade, é a mudança que permitirá a dar limite aos opostos, para formar a unidade, logo o Devir é a essência, ou seja, o princípio, o que permanece. A partir desta conclusão, notamos que o que falta em Parmênides é o que funda o conceito de Ser e não Ser, e isso Heráclito nos dá, isto é, é através de Heráclito que adquirimos a concepção do Devir, do movimento; será justamente a concepção do Devir que unificará os opostos, ou seja, trará a unidade para o Ser e o Não-ser. Essa reflexão é necessária para que possamos ver mais adiante que Hegel é influenciado pelo pensamento de Heráclito, como ele próprio afirma em sua frase: “*Não existe frase de Heráclito que eu não tenha usado em minha Lógica*”<sup>6</sup>.

## 2. Parmênides e a concepção do Ser.

“*Ser é e que o não-ser não é*”<sup>7</sup>, esta afirmação de Parmênides, mostra dois princípios fundamentais para a nossa pesquisa: 1º – Que não existe outra coisa que não seja a substância, isto é o Ser em sua permanência, imutabilidade, e unidade; 2º – Que para além do Ser existe o não Ser, que é o Nada. A idéia principal na filosofia parmenídica se resume em discutir o que o Ser é, e o que o Ser não é. Na concepção Parmenídica, a idéia do Devir não assume um lugar de grande importância, não se nega à existência do Devir, porém ele ocupa uma situação de realidade aparente, uma realidade sensível, onde o Devir é dado pelos sentidos e não pela razão.

Parmênides busca o conhecimento racional, afastando-se do mundo sensível. Essa busca pela razão leva o filósofo eleata à seguinte conclusão: que não se pode pensar o Não Ser. Para pensar precisamos pensar em alguma coisa porque, afinal, se não pensarmos coisa nenhuma, não estaremos pensando, e no final, veremos que só poderemos pensar em uma única realidade, que seria o Ser e o seu conhecimento. Parmênides atribui várias propriedades ao Ser. De

<sup>4</sup> Idem, ib. fragmento 49 a. p. 39

<sup>5</sup> Idem, ib. fragmento 88, p. 41.

<sup>6</sup> Friedrich Hegel. *Preleções Sobre a História da Filosofia*, p. 98.

<sup>7</sup> Idem, ib. Fragmento dois. Editora Cultrix. São Paulo, p. 47.

maneira lógica, acaba por fundar desta o que chamamos de ontologia, colocada através da pergunta: o que é o Ser? Se procurarmos entender a lógica como uma disciplina que está engendrada em nossa pesquisa, pode-se considerar Parmênides como aquele que pela primeira vez, nos trouxe princípios fundamentais de lógica, sendo assim o fundador deste saber disciplinar. Porém não basta definir as concepções de Ser e não Ser, pois são conceitos vazios, sem conteúdo. Precisa-se de algo que funde esses dois conceitos, que não podem ser pensados isolados e não podem ser apreendidos separadamente da realidade.

### 3. A lógica de Hegel

A tarefa em tentar expor a influência do pensamento de Heráclito e Parmênides na lógica hegeliana, é necessário descobrir o que significa o termo lógica para Hegel. Vejamos algumas de suas definições: “a ciência da idéia pura, isto é, da idéia do elemento abstrato do pensamento”<sup>8</sup> ou “O reino do puro pensamento é a verdade, tal como é em si e por si, sem qualquer véu. Só pode ser exprimido afirmando-se que ele é a exposição do Espírito, tal como ele é na sua eterna essência, antes da criação da natureza e de um espírito finito”.<sup>9</sup> Hegel está querendo nos dizer: 1ª – Que a lógica não é uma matéria puramente formal; 2ª – A essência da lógica é a mais pura idéia, ou seja, é a mais pura realidade em sua totalidade, é espírito. Partindo desta compreensão, a lógica hegeliana se divide em três partes:

- 1ª – O intelecto ou a doutrina do Ser;
- 2ª – O intelectual ou a doutrina da essência;
- 3ª – O especulativo ou a doutrina do conceito.

#### 3.1. A doutrina do Ser

O intelecto é o ponto de partida da lógica hegeliana, é o primeiro momento do espírito, é o momento mais abstrato, é a primeira tentativa de se identificar o Ser. Sob a influência do pensamento parmenídico, Hegel concebe o Ser como o verdadeiro começo da lógica. O Ser seria o pensamento pensado por si, é o estágio mais abstrato e vazio, somente dependendo dele mesmo. O Ser é o fundamento da ciência, afinal não existe nada antes dele, é a primeira parte do pensamento, estando no reino da imediatidade e da indeterminação. Esta primeira parte do pensamento se encontra no plano subjetivo, possuindo apenas um aspecto parcial da razão.

Porém, o Ser não é um simples resultado, sendo o começo, exige-se que ele esteja sustentado sobre si mesmo, de forma que ao progredirmos ele se mostre como uma regressão

---

<sup>8</sup> Enciclopédia. Parágrafo 19.

<sup>9</sup> Ciência da Lógica, p. 32.

àquilo que foi tomado como verdadeiro, como fundamento, que assumirá determinações que surgem através de deduções exatas do que é último e fundamental, posteriormente retornando a si mesmo, em um movimento circular. O Ser é uma unidade que nos leva ao saber, que constituirá como conteúdo do Ser.

Neste primeiro estágio, o intelecto, o Ser, apresenta-se como pura indeterminação, apresenta-se como o vazio, ou seja, o Nada. No intelecto, o Ser é igual ao nada, neste princípio contém em si o Ser e o Nada em uma mesma unidade. O Ser enquanto indeterminação precisa do Nada, sendo os dois elementos que nos levam ao conhecimento. Por se apresentarem como determinações imanentes ao Ser, pelo movimento de dupla negação, vão garantir a unidade entre o Ser e o nada. Vejamos este trecho retirado da *Ciência da lógica*: “ Ser puro Ser - sem nenhum outra determinação. Na sua imediatez indeterminada é igual só a si mesmo, e tão pouco é desigual frente a outro; não tem nenhuma diferença, nem no seu interior nem no seu exterior”<sup>10</sup> ou “ Nada, o puro nada, é simples igualdade consigo mesma, o vazio perfeito, a ausência de determinação e de conteúdo; a indistinção em si mesma. (...)”<sup>11</sup>

Através destes trechos, ao se pensar pela formalidade da lógica, se chegará a conclusão de que o Ser é Nada. Todavia, esta representação não pode ser resolvida desta maneira. Para compreendermos o que realmente acontece, precisaríamos entender por via da metafísica tradicional, na qual veríamos o Nada como o não Ser. Teríamos desta forma duas proposições: 1<sup>a</sup> – “O Ser é”; 2<sup>a</sup> – “O Não Ser não é”. Nestas duas proposições notaremos, conforme foi dito pelo próprio Hegel: 1<sup>a</sup> – Tanto no Ser quanto no Nada estão em completa indeterminação; 2<sup>a</sup> – Estamos diante de dois opostos que se mostram; um como pura afirmação, o Ser, e o outro como pura negação, o não Ser.

A partir daí ocorrerá uma dupla negação, onde o Ser se afirmará diante do não Ser. Se fizermos a seguinte negação: ‘*O Ser não é*’, notaremos que estamos falando exatamente no não Ser, desta forma notamos que o Ser se converteu no não Ser, seguindo o mesmo exemplo, ao afirmarmos ‘*o Não Ser é*’ haverá uma conversão imediata do Não Ser em Ser. Pois bem, é através da dupla negação que os opostos, convertem-se em seu contrário. Desta mesma forma, ocorre através da relação entre o Ser e o Nada. O Nada como completa negação do Ser, ou seja, o Não Ser, ao ser negado pelo Ser, e o Ser quando é afirmado pelo Não Ser, ou seja, o Nada, as diferenças entre um e o outro são suprassumidas, devido ao caráter de indeterminação que os dois apresentam.

O puro Ser e o puro nada são, portanto, a mesma coisa. O que constitui a verdade não é nem ser nem nada, senão o que não transpassa, mas o que atravessou, vale dizer o ser [atravessado] para o nada e o nada [transferidos para o ser. Mas, ao mesmo tempo, a

<sup>10</sup> *Ciência de la Lógica*, p.77.

<sup>11</sup> *Ciência de la Lógica*, I, p.77

verdade em sua indistinção, enquanto a verdade não é a falta de distinção, mas eles não são o mesmos, mas são bastante diferentes, mas eles são inseparáveis, e cada um desaparece imediatamente em seu oposto.<sup>12</sup>

A igualdade entre o Ser e o Nada, reside no fato de que tanto um quanto o outro, não possuem conteúdos, e é esse fato que leva a dizer que tanto o Ser quanto o Nada são iguais, embora sejam diferentes.

### **3.2. A doutrina da Essência.**

Utilizando-se da abstração anterior, admitimos que o Ser e o Nada são distintos, porém se identificam quanto ao conteúdo, que não possuem, são pura indeterminação existente. Desta forma, de pura influência heraclítica, Hegel concebe através do fluxo existente entre o Ser e o Nada, através da dupla negação de ambos, o conceito de Devir, do vir-a-ser, que é o puro fluxo, movimento, onde o Ser converte-se no não Ser e o não Ser converte-se em Ser, assumindo a contingência do real, mas ao mesmo tempo nos fazendo compreender que existe uma necessidade, um sentido, uma exteriorização, uma racionalização. A unificação do Ser e do Nada ocorre desta forma através do Devir, de onde os antigos gregos como Parmênides e Heráclito, começaram a dar os primeiros passos, como Hegel afirma em sua Obra, na *Ciência da Lógica*: “O início não é o puro nada, mais um nada que deve sair qualquer coisa. Por isso no próprio início está já contido o Ser. O início tem, portanto, um e outro, o Ser e o nada; é a unidade do ser com o nada”<sup>13</sup>. A dialética, concebida por Hegel, consiste em um processo onde se dá o fluxo do ser em si (objeto) e do ser para si (sujeito, reflexão), tendo a dialética como princípio para se atingir o conhecimento do Espírito.

### **3.3. A doutrina do Conceito**

No item anterior, procuramos delinear as principais concepções hegelianas. Foi nosso intento explicar as concepções do Ser, Nada, e do Devir, apontando o caráter de Contingência e Necessidade que perpassa o pensamento de Hegel e que são partes essenciais para a compreensão da ‘*Doutrina do Ser e da Essência*’, agora tentaremos expor ‘*A Doutrina do Conceito*’. Hegel, quando nos fala da doutrina do Conceito, nos remete a uma expressão que ele definiu como *determinação reflexiva*. Esta *determinação reflexiva* constitui nos opostos que se

---

<sup>12</sup> Ciencia de la Lógica, I, p.77

<sup>13</sup> Ciencia de la Lógica, I, p.62

determinam mutuamente, como por exemplo: o particular e o universal, a singularidade e a pluralidade, o finito e o infinito, o relativo e o absoluto, o positivo e o negativo, a permanência e a mudança, o mais e o menos constituem no jogo de contradições, em que a realidade se apresenta. Toda a realidade está submetida ao conflito dos opostos, e só se pode entender a realidade como uma unidade formada por estes opostos, como permanência e devir.

Portanto, todos os seres estariam sujeitos a esta dualidade, alteridade. O conceito, como especulação, seria a forma última do Espírito. Nas palavras do próprio Hegel: *“O verdadeiro é apenas como a unidade dos opostos; nos eleatas, temos apenas o entendimento abstrato, isto é, que apenas o ser é. Dizemos, no lugar da expressão de Heráclito: o absoluto é a unidade do ser e do não ser”*.<sup>14</sup> Todas as coisas estão interligadas, porém em completa mudança. Não podemos com isso entender de que *“tudo é relativo”*, tem que existir uma permanência, porém esta permanência permanece na alteridade. Toda esta argumentação compõe a parte subjetiva na doutrina do conceito. A parte objetiva da Doutrina do Conceito consiste em uma elucidação a respeito de determinados assuntos discutidos por Hegel, que são: a mecânica, o quimismo, e a teleologia. A última parte é *“a idéia”*, que consiste em definir *“a vida”*, a *“idéia do conhecer”*, e a *“idéia absoluta”*.

### **3.4. A influência dos platônicos (dialéticos) e aristotélicos (analíticos).**

Logo após a morte de Hegel, a crítica mais contundente parte de Trendelenburg<sup>15</sup> que afirma que a contradição, tão utilizada e louvada por Hegel, não constrói, mas, sim, destrói toda e qualquer racionalidade. Quem diz e, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, desdiz, cai no *nonsense*. Além disso, nega toda e qualquer racionalidade do discurso. Trendelenburg refere-se aqui ao Princípio de Não-Contradição, elaborado por Aristóteles no livro *Gama da Metafísica*, segundo o qual, no discurso, quem comete contradições está condenado ao estado de planta. Essa objeção atinge o núcleo da dialética de Hegel, para quem a contradição move todo o sistema. As mais graves e difíceis objeções contra o sistema de Hegel estão centradas na categoria da contradição. De acordo com esse filósofo, ela é o motor do pensamento e engendra a organização racional do universo. No Princípio de Não-Contradição, Aristóteles afirma que: *“É impossível que um e o mesmo (predicado) convenha a um e ao mesmo (sujeito) sob o mesmo aspecto e ao mesmo tempo; a isso sejam acrescentadas as ulteriores determinações contra as objeções lógicas”*<sup>16</sup>.

Aristóteles quer expressar, nesse princípio, a impossibilidade de uma proposição ser e não-ser verdadeira, sob o mesmo aspecto e ao mesmo tempo. Desse modo, ocorre uma

---

<sup>14</sup> Ciencia de la Lógica, I, p. 92.

<sup>15</sup> TRENDELENBURG, S. *Logische Untersuchungen*, 2 vol. Berlin. 1840.

<sup>16</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica, livro Gama*. 1005 b 19 s.

contradição, ou seja, há duas proposições contraditórias, uma desmentindo a outra. Duas proposições contraditórias não podem ser verdadeiras e falsas ao mesmo tempo, ou seja, se uma é verdadeira, a proposição contraditória correspondente será falsa. Na tentativa de abarcar o princípio, surgem dois aspectos distintos. Aristóteles introduz esses elementos na sentença em questão, mencionando as expressões *sob o mesmo aspecto* e *ao mesmo tempo*.

Os dialéticos, entre eles, Hegel, usam o termo *contradição*, mas, na verdade, querem dizer o que os lógicos chamam de **contrariedade**. É exatamente pelo embaraço causado pela terminologia que os dialéticos e os analíticos não se entendem. Hegel afirma que tese e antítese são proposições contraditórias e que ambas são falsas. Ora, em Lógica, isso é absolutamente impossível, pois se uma das contraditórias é falsa, a outra, necessariamente, tem que ser verdadeira. Ao afirmar a falsidade de ambas, Hegel estaria negando as regras do Quadrado Lógico e abrindo as portas do pensamento para a total irracionalidade. Dialética, se feita entre proposições contraditórias, é total contrassenso. Hegel usa o termo *contradição*, mas quer dizer *contrariedade*<sup>17</sup>, compreendendo isto, o sistema dialético fica livre da pecha de irracionalidade. Duas proposições contrárias – desde Aristóteles, todos os lógicos concordam com isso – podem ser simultaneamente falsas. Em suas proposições, os dialéticos não usam o sujeito expreso. A primeira frase da *Ciência da Lógica* já é um anacoluto; o sujeito está oculto. Em quase todos os lugares, ele está apenas implícito. Em consequência, o quantificador também permanece implícito. Isso ocasiona desorientação em virtude da terminologia utilizada por dialéticos e analíticos. Os dialéticos usam a expressão *pares de contrários*, mas mencionam o termo *contradição*; os analíticos se atêm ao termo *contradição* no sentido lógico-formal e, sem analisar melhor o sujeito oculto, dizem que os dialéticos estão afirmando a falsidade de duas proposições contraditórias, o que, evidentemente, é um absurdo.

A dialética ocorre apenas entre proposições universais afirmativas e proposições universais negativas. Esse é o núcleo da solução proposta. Como o sujeito lógico, na *Ciência da Lógica*, está quase sempre oculto, surge a pergunta: qual é esse sujeito que está sendo sempre pressuposto? A resposta de Hegel, na *Enciclopédia*, é dura e clara<sup>18</sup>: todas as categorias da Lógica são predicados atribuídos ao Absoluto. O sujeito lógico do sistema é sempre o Absoluto. Na *Ciência da Lógica*, o sujeito oculto está contido no capítulo sem número, cujo título é *Com que se deve fazer o começo da ciência?* Lá, Hegel, mostrando que sua filosofia é crítica, afirma que não pode haver nenhum pressuposto. A Filosofia, que se quer crítica, não pode fazer nenhuma pressuposição determinada. Ora, quem não faz nenhuma pressuposição determinada está sempre pressupondo tudo de maneira indeterminada. Esse, exatamente esse, é o sujeito gramatical oculto que subjaz a todas as categorias da Lógica.

<sup>17</sup> CIRNE-LIMA, C. Liberdade e razão. In: **Saber filosófico, história e transcendência**. (Org. J.A. MAC DOWELL). São Paulo: Loyola, 2002. p. 175-195 - Cf. também idem, A verdade é o todo. In: **Ética, Política e Cultura**. (Org. I. DOMINGUES, P.R.; MARGUTTI, R; DUARTE), Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. (p. 247-264)

<sup>18</sup> HEGEL, *Enz.* §85.



## Conclusão

Concluiu-se que a partir de nossas reflexões, o cerne do sistema hegeliano parte de dois princípios ontológicos: 1º – Ser é, Nada não é (Parmênides); 2º – O Ser é tampouco como não Ser, ou seja, o Devir é e também não é (Heráclito). Portanto, na primeira parte deste artigo foi analisado a Doutrina do Ser e vimos à identificação do Ser com o Nada, na pura imediatidade e indeterminação, portanto, o que Hegel nos quer dizer é que para se conhecer um Ser em particular é necessário que o nosso objeto cognoscente esteja inserido em um todo. Já à Doutrina da Essência, vimos que ela se constitui no puro fluxo entre os opostos, trazendo deste modo, o devir heraclítico, a pensamento contingente e mutante. Já na Doutrina do Conceito consiste na unificação dialética do Ser parmenídico e o Devir heraclítico, ou melhor, da Necessidade e da Contingência. Por fim, foi demonstrado que a dificuldade de se compreender o pensamento hegeliano deve-se ao fato de nos deixarmos levar a pensar que o próprio pensamento de Heráclito é obscuro e contraditório, por sermos influenciados pela lógica aristotélica, que não admiti tais contradições. Isto ocorre devido a um mau entendimento da forma de pensar de Hegel. Cabe ressaltar que a contradição de Aristóteles é meramente formal, enquanto que a contradição hegeliana é de conteúdo, ou seja, da realidade em si do objeto.

## Bibliografia

- ABBAGAGNANO, N. **História da Filosofia**. Vols. I e IX, Lisboa, 1978.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Editora Gredos, Madrid, 1990.
- BHASKAR, R. **Dialectic: the pulse of freedom**. Londres, 1993.
- BORNHEIM, G. A. **Os Filósofos Pré-Socráticos**. São Paulo, Editora Cultrix, 1994.
- CHATELET, F. **A Filosofia e a História**. Vol. V, França, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Hegel**. Editora Seuil, França, 1968.
- HEGEL, G.W.F. **Ciencia de la Lógica**. Editora Solar/Hachette, Buenos Aires, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Fenomenologia do Espírito**. Vols. I e II, Editora Vozes, Petrópolis, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia da História**. Editora Universidade Brasileira, Brasília, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à História da Filosofia**. Lisboa, Edições 70, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Preleções à História da Filosofia**. In Pensadores, Vol. Pré-socráticos. São Paulo, Editorial Abril Cultural, 1973.
- HYPOLITE, J. **Introdução a Filosofia da História de Hegel**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1971.
- HYPOLITE, J. **Hegel y el pensamiento moderno/seminário dirigido por Jean Hyppolite**. Editora Siglo Veintiuno, 1973.
- JÚNIOR, C. P. **Dialética do Conhecimento**, Vols I e II, Editora Brasiliense, São Paulo, 1960.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. 1984

KONDER, L. **Hegel – A Razão Quase Enlouquecida**. Editora Campus, Rio de Janeiro, 1991.

LEÃO, E. C. **Os pensadores Originários: Anaximandro, Parmênides e Heráclito**. Petrópolis, Editora Vozes, 1991.

OLIVEIRA, R.C. F. **Infinidade e historicidade em Hegel**. Rio de Janeiro: UFRJ. Instituto Filosofia e Ciências Sociais. Mestrado – Filosofia. Orientação de: Luiz Eduardo de Oliveira Bicca.